



Diálogos

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v24i1>

ISSN 2177-2940
(Online)

ISSN 1415-9945
(Impresso)

Ideais religiosos e expectativas (des)encantadas: uma análise dos ideais missionários da congregação redentorista bávara no Brasil (1894-1920)

<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v23i3.45547>

 Robson Rodrigues Gomes Filho

Universidade Estadual de Goiás, Brasil. E-mail: robson.gomes.filho@gmail.com

Palavras-chave: missão; vocação; sacrifício; redentoristas.	Ideais religiosos e expectativas (des)encantadas: uma análise dos ideais missionários da congregação redentorista bávara no Brasil (1894-1920) Resumo: A fundação da missão redentorista alemã no Brasil, em 1894, representou para os missionários bávaros uma possibilidade pessoal de realização plena daquilo que entendiam como sua vocação, qual seja, a salvação das “almas abandonadas” através do sacrifício pessoal. Todavia, a alteridade entre o que se espera e o que se encontra levou essas expectativas idealizadas ora ao desencantamento, ora ao reencantamento e reelaboração, o que impactou não somente nas expectativas e ações religiosas individuais, mas igualmente no modo como tais sujeitos encaram e transformam seu lugar de atuação missionária. Assim, o presente artigo pretende analisar de que modo os ideais de vocação, missão e sacrifício impactaram na construção de expectativas idealizadas por missionários da congregação redentorista bávara no Brasil, pensando como tais expectativas se transformaram a partir do choque de experiências com a realidade brasileira, tanto na desilusão, quanto na confirmação vocacional e reelaboração de suas próprias expectativas missionárias.
Key words: mission; vocation; sacrifice; Redemptorists.	Religious ideals and (dis)enchanted expectations: an analysis of the missionary ideals of the Bavarian Redemptorist congregation in Brazil (1894-1920) Abstract: The founding of the German Redemptorist mission in Brazil in 1894 represented for the Bavarian missionaries a personal possibility of full realization of what they understood as their vocation, that is, the salvation of “abandoned souls” through a personal sacrifice. However, the alterity between what is expected and what is found led these idealized expectations, sometimes to disenchantment, sometimes to re-enchantment and re-elaboration, which impacts not only on individual religious expectations and actions but also on the how these subjects face and transform their place of missionary activity. The purpose of this article is to analyze how the ideals of vocation, mission and sacrifice have impacted on the construction of religious expectations idealized by missionaries of the Bavarian Redemptorist congregation in Brazil, thinking how these expectations were transformed from the shock of experiences with the Brazilian reality, as well as in the disillusionment (disenchantment) and in the vocational confirmation and reelaboration of their own missionary expectations.
Palabras clave: misión; vocación; sacrificio; redentoristas.	Ideales religiosos y expectativas (des) encantadas: un análisis de los ideales misioneros de la congregación redentorista bávara en Brasil (1894-1920) Resumen: La fundación de la misión redentorista alemana en Brasil, en 1894, representó para los misioneros bávaros una posibilidad personal de realización plena de aquello que entendían como su vocación, es decir, la salvación de las “almas abandonadas” a través del sacrificio personal. Sin embargo, la alteridad entre lo que se espera y lo que se encuentra llevó esas expectativas idealizadas hacia el desencanto, al reencantamiento y reelaboración, lo que impactó no sólo en las expectativas y acciones religiosas individuales, sino también en la forma como tales sujetos encaran y transforman su lugar de actuación misionera. Así, el presente artículo pretende analizar de qué modo los ideales de vocación, misión y sacrificio impactaron en la construcción de expectativas ideadas por misioneros de la congregación redentorista bávara en Brasil, pensando cómo tales expectativas se transformaron a partir del choque de experiencias con la realidad brasileña, tanto en la desilusión, como en la confirmación vocacional y reelaboración de sus propias expectativas misioneras.
Artigo recebido em: 26/11/2018. Aprovado em: 15/03/2019.	

Introdução

“A vida missionária não é brincadeira; quando se está nela, cessa o romantismo, restando só a realidade nua e crua de cruzes e renúncias.”¹

As palavras do missionário redentorista Pe. Valentin von Riedl, em uma carta de desabafo ao seu Superior Provincial em Munique (Alemanha), demonstram uma realidade experimentada por muitos dos missionários, não somente da congregação redentorista, que deixam o conforto da pátria natal para se lançarem à vida em missão. Os ideais que impulsionam tal escolha são fatores determinantes para se compreender as razões que levam um indivíduo optar pela condição de missionário. O religioso, em geral, acredita ser vocacionado pelo seu próprio deus a assumir os sacrifícios, renúncias, desconfortos e não raramente o martírio. Assim, não é raro, em princípio, encontrarmos cartas, relatos e discursos inflamados de religiosos que almejam a santidade e salvação pessoal por meio do sacrifício missionário. Nas fontes que pesquisamos, entretanto, é igualmente comum nos depararmos com as mais diversas cartas de lamentações e desilusões depois de se experimentar de fato a realidade de privações impostas pela missão no Brasil do início do final do século 19 e início do 20.

Neste sentido, na intenção de compreendermos a construção das expectativas dos redentoristas bávaros ao longo dos anos em Goiás, bem como as atitudes de transformação da realidade goiana a partir de tais horizontes, nos parece imprescindível compreendermos os fundamentos – sobretudo religiosos – que alicerçaram tais expectativas e as atitudes delas decorrentes. É a partir desse alicerce que se construiu sobre o Brasil a ideia de um lugar de “santificação” pela mortificação e sacrifício; portanto, um conjunto de expectativas religiosamente idealizadas. A alteridade entre o que se espera e o que se encontra, entretanto, leva essas expectativas idealizadas, ora ao desencantamento e desilusão, ora ao reencantamento e reelaboração, o que impacta não somente nas expectativas e ações religiosas, mas igualmente no modo como tais sujeitos encaram e transformam o lugar de atuação missionária.

Sacrifício, salvação das almas e expectativas idealizadas

A notícia da aceitação da missão no Brasil pelo Superior Geral da congregação, Pe. Matias Raus, entusiasmou instantaneamente a muitos dos padres e irmãos redentoristas da província bávara. Além da possibilidade de finalmente retomar (no caso dos mais velhos) ou se iniciar (no caso dos jovens) as atividades missionárias depois de 21 anos de exílio sofrido em decorrência do

¹ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 145.** Pe. Valentin von Riedl ao Pe. Anton Schöpf. Aparecida, 18 de novembro de 1895, p. 328.

Kulturkampf, o Brasil representava um certo campo de possibilidades de realização daquilo que se acreditava ser a vocação individual de cada missionário: o sacrifício e a santidade.² Em carta ao Pe. Matias Raus, logo que a notícia da missão no Brasil lhe foi comunicada, Pe. Gebardo Wiggermann, então Visitador da província bávara, implorou ao seu superior pela oportunidade de integrar a missão brasileira, argumentando:

Agradeço do íntimo do meu coração a Missão Brasileira que nos oferece. Depositando toda a minha esperança em Deus e em Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, peço e suplico a V. Paternidade que eu possa ser participante, embora indigno, dessa grande graça. *Espero conseguir deste modo a santidade de vida* que aliás por minha incuria ou preguiça não consegui.³

A “santidade” no imaginário católico clerical (portanto, distinto do imaginário popular)⁴ tem por modelo, via de regra, indivíduos que foram martirizados em nome da fé, ou que nela perseveraram sofrendo grandes sacrifícios. Assim, é comum a associação entre a santidade (desejada como meta da vida religiosa consagrada) e os sacrifícios, privações e sofrimentos condescendentemente aceitos. Os sacrifícios, portanto, seriam um caminho para se alcançar a santidade; e a missão brasileira, no caso dos missionários analisados, o lugar ideal para se trilhar esse caminho.

Neste sentido, o conjunto de expectativas que os entusiasmados religiosos alemães tinham pelo Brasil não se resumia apenas na possibilidade de ali se encontrar um farto campo de trabalho religioso. Antes, tais expectativas compunham-se, de maneira especial, da ideia de que, no Brasil, encontrar-se-iam mais (e maiores) sacrifícios e renúncias para a realização da vocação pessoal do que na Europa. Este é o argumento, por exemplo, utilizado pelo então estudante Fr. Antônio Jorge Heckenblaickner para convencer seu superior a enviá-lo como missionário para o Brasil, em carta datada de 20 de março de 1903: “Primeiro, no Brasil, parece-me mais fácil realizar o fim pelo qual o bom Deus me chamou a esta congregação; mais fácil e de modo mais perfeito, porque lá seria obrigado a fazer mais sacrifícios do que aqui.”⁵

Os argumentos acima expostos, como se pode notar, vinculam diretamente os “sacrifícios” e “sofrimentos” esperados no Brasil à concepção de pureza e santidade que se acredita ser a meta da vocação divina a si próprio imputada. Mas, afinal, o que significa este ideal de sacrifício e porque relacioná-lo ao Brasil como lugar de realização da vocação pessoal? Para esboçarmos algumas

² O chamado *Kulturkampf* foi um período de pouco mais de duas décadas (entre 1871 e 1894) em que o governo imperial alemão, recém-unificado, implementou um série de leis que limitavam a ação e poder da Igreja Católica no país. Uma das consequências dessas ações estatais contra o catolicismo foi a expulsão das congregações jesuítica e redentorista de todo o império alemão. Sobre o assunto, ver: Körner (2012).

³ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 15**. Pe. Gebardo Wiggermann ao Pe. Matias Raus. Dürrenberg, 21 de junho de 1894, p. 21. *Grifo nosso*.

⁴ Sobre os modelos de santidade no imaginário popular católico, ver: Vauchez (1987); Santos (2000).

⁵ COPRESP-A, 3º Volume (1902-1904). **Carta nº. 553**. Fr. Antônio J. Heckenblaickner ao Pe. Matias Raus. Mautern, 20 de março de 1903, p. 228.

respostas a esta pergunta, necessitamos algumas reflexões sobre a própria ideia de “sacrifício” em si.

Etimologicamente, “sacrifício” deriva da união entre as palavras latinas *sacer* (sagrado) e *facere* (fazer). Portanto, sacrificar tem em sua origem a ideia de tornar algo sagrado. Assim, segundo Marcel Mauss e Henri Hubert, “a palavra sugere imediatamente a ideia de consagração, e poder-se-ia pensar que as duas noções se confundem. Com efeito, é certo que o sacrifício sempre implica uma consagração.” (MAUSS; HUBERT: 2005, p. 17) Ainda segundo os mesmos antropólogos, o sacrifício pode, portanto, ser definido como um “sistema no qual algo que é consagrado serve de intermediário entre o sacrificante e a divindade à qual o sacrifício é endereçado.”⁶ Daí, antes de tudo, a ideia de que o autossacrifício levaria à santificação (no sentido próprio de consagração) pessoal.

Este aspecto de autossacrifício está claramente presente na própria obra de Afonso de Ligório, fundador da congregação redentorista, algo que diretamente impactou na formação direta da espiritualidade e no modo de se encarar a realidade religiosamente compreendida pelos missionários alemães, ainda que com pelo menos um século e meio de distância temporal de seu fundador. Em sua *A prática do amor a Jesus Cristo*, publicado originalmente em 1768, por exemplo, Afonso adverte seus leitores que

Como Deus tratou seu Filho predileto, do mesmo modo trata a todos aqueles eu ele ama e recebe como filhos: “O Senhor castiga os que ama e aflige todo aquele que recebe como filho” (Rm 8, 29). Santa Teresa diz que sentiu na sua alma como se Deus lhe falasse: “Fica sabendo que as pessoas mais queridas de meu Pai são as que são mais afligidas com os maiores sofrimentos! Por essa razão, quando ela se via nos sofrimentos, dizia que não os trocaria por todos os tesouros do mundo. Conta-se que depois de sua morte ela apareceu a uma de suas companheiras e lhe revelou que recebera um grande prêmio no céu. *Tinha recebido este prêmio, não tanto por suas boas obras, como pelos sofrimentos suportados em sua vida, de boa vontade e por amor a Deus.* E se desejasse por algum motivo voltar à Terra, seria unicamente para poder ainda sofrer mais alguma coisa por Deus. (LIGÓRIO, 1996, p. 57).⁷

Desse modo, o sacrifício/consagração de um objeto estabelece uma relação de sociabilidade entre o sacrificante e a divindade, seja sendo um terceiro o objeto de sacrifício (portanto, algo ou alguém que não o sacrificante, nem tampouco a divindade), seja o objeto de sacrifício o próprio sacrificante (portanto um autossacrifício). Em ambos os casos, todavia, há uma renúncia de algo ou de si mesmo em prol do agrado da divindade, estabelecendo-se ali uma relação de troca. Assim,

Em todo sacrifício há um ato de abnegação, pois quem se sacrifica se priva e se dá. Essa abnegação lhe é mesmo frequentemente imposta como um dever. [...] Mas essa abnegação e essa submissão não deixam de ter um lado que muitas vezes se oculta: se o sacrificante dá alguma coisa, ele dá, em parte para receber. O sacrifício se apresenta, então, sob um duplo aspecto: é um ato útil e uma obrigação. O desinteresse se mescla ao interesse. Por isso ele

⁶ Idem, p. 18.

⁷ Grifo nosso.

foi frequentemente concebido sob a forma de um contrato. [...] Quantas crenças e práticas sociais que não são propriamente religiosas se encontram em relação com o sacrifício! Tratamos sucessivamente da questão do contrato, da redenção, do castigo, da dádiva, da abnegação, das ideias relativas à alma e à imortalidade que são ainda a base da moral comum. Isso comprova a importância da noção de sacrifício para a sociologia. (MAUS; HUBERT: 2005, p. 95)

Esta perspectiva é, portanto, ao mesmo tempo mágica (ou seja, de coação divina por meio de um ritual que tem por fim uma relação de troca, o “toma-lá-dá-cá”) e religiosa (portanto, de sacrifício visando a súplica e veneração à divindade, e não sua coação por meio da “barganha”).⁸ Em ambos os casos, todavia, é possível encontrarmos a noção de “desejo” dos sofrimentos impostos pelo sacrifício, seja visando a obtenção de algo em troca, seja pela veneração à Deus. Em seu aspecto mágico, por exemplo, ao tentar convencer seu sobrinho Gaspar Wendl, ainda seminarista, a alistar-se para a missão no Brasil, Pe. José Wendl argumentou que “não faltam sofrimentos, sacrifícios, renúncias, mas isso é lucro para o céu. *Quanto mais sacrifícios, tanto maior a recompensa. Deus é bom pagador.*”⁹ Por outro lado, o aspecto religioso de sacrifício justificado apenas pelo amor à divindade é igualmente (e constantemente) realçado em outras cartas, como argumentou o Ir. Afonso ao superior Pe. Schöpf em carta de 4 de janeiro de 1904: “Quem fez o sacrifício de deixar a pátria, deve estar disposto a aceitar todas as situações difíceis, *por amor a Deus.*”¹⁰

Um terceiro aspecto do sacrifício pode ser ainda notado dentro desta perspectiva da aceitação da renúncia e do sofrimento como meio de consagração. Em carta datada de 6 de fevereiro de 1896, o Pe. Lourenço Hubbauer escreveu em desabafo ao Superior Geral da congregação, Pe. Matias Raus, sobre os sofrimentos e dificuldades enfrentados nos primeiros anos de missão em Goiás. Nela Hubbauer afirma que: “É bom para mim engolir essa sopa amarga, esse bocado apimentado; *com sal e pimenta a carne não apodrece.* Quase sinto escrúpulo por ter escrito isso, pois V. paternidade pode pensar que estou pedindo alívio. Longe de mim tal pedido.”¹¹

Esta ideia de que “com sal e pimenta a carne não apodrece”, ou seja, de que os sacrifícios e tormentos suportados ao “engolir esta sopa amarga” permitiriam um estado de “pureza”, são típicos elementos de uma perspectiva ascética do sofrimento. Portanto, de que a renúncia aos prazeres

⁸ Sobre as distinções sociológicas entre “magia” e “religião”, ver: Weber (2009).

⁹ COPRESP-B, 2º Volume (1898-1905). **Carta nº. 382.** Pe. José Wendl ao sobrinho Fr. Gaspar Wendl. Campinas-GO, 5 de junho de 1902, p. 301. *Grifos nossos.* Também na obra de Afonso de Ligório é possível encontrarmos argumentações nesta direção. Segundo o fundador dos redentoristas, citando São João Crisóstomo, “quando o Senhor concede a alguém a graça de sofrer, faz-lhe um bem maior do que se lhe desse o poder de ressuscitar os mortos. Isto porque o homem que faz milagres se torna devedor a Deus, mas no sofrimento Deus se torna devedor ao homem.” (LIGÓRIO, Afonso Maria de. **Op. Cit.** 1996, p. 58).

¹⁰ COPRESP-A, 3º Volume (1902-1904). **Carta nº. 482.** Ir. Afonso ao Pe. Anton Schöpf. Aparecida, 4 de janeiro de 1904, p. 397. *Grifo nosso.*

¹¹ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº 160.** Pe. Lourenço Hubbauer ao Pe. Matias Raus. Campininhas, 6 de fevereiro de 1896, p. 365. *Grifo nosso.*

mundanos, sejam eles do convívio social, sejam das comodidades cotidianas, trariam a purificação do corpo e da alma do indivíduo religioso.

Segundo Émile Durkheim, em sua famosa *Formas Elementares da Vida Religiosa*, o puro asceta é “[...] um homem que se eleva acima dos homens e que adquire uma santidade particular por meio de jejuns, de vigílias, pelo retiro e pelo silêncio, em uma palavra, por meio de privações, mais do que por atos de piedade positiva.” (DURKHEIM, 2003, p. 330) Portanto, segundo o sociólogo, a característica fundamental que marca o ascetismo é a atitude de renúncia ou privação, por parte do religioso, de uma vida própria do seu cotidiano, em virtude da crença de que tal sacrifício pessoal possa elevá-lo a um estado de pureza, proximidade ou agrado da divindade cultuada. É neste sentido que, para Durkheim, “o ascetismo não é, como se poderia pensar, um fruto raro, excepcional e quase anormal da vida religiosa; ao contrário, é um elemento essencial dela.”

Por fim, um último aspecto do ideal religioso de sacrifício, que se faz constantemente presente no conjunto de expectativas construído sobre o Brasil pelos missionários redentoristas alemães, refere-se à ideia do *dever de salvação das almas abandonadas* como principal aspecto da vocação religiosa missionária.

Para os missionários cristãos, a missão, em geral, tem como meta, além do cumprimento de um chamado divino, a tentativa de se possibilitar a salvação do outro, ou seja, pauta-se na crença de que seus sacrifícios pessoais como missionário têm como fundamento tanto a ação pela salvação daqueles que neste mundo habitam, como a própria “glorificação de Deus”. Um interessante exemplo pode ser claramente percebido na correspondência entre o Pe. José Wendl e seu superior provincial, João Batista Schmid, datada de 8 de dezembro de 1911. Nesta ocasião, a pauta da discussão era o possível fechamento da casa de Goiás em prol da manutenção apenas da casa paulista, diante do quê Wendl se posicionava inteiramente contra. Na referida carta, o missionário argumenta que:

É minha mais profunda convicção, da qual darei contas a toda a Congregação, que nos achamos em Goiás por vontade de Deus, *afim de trabalharmos na salvação das almas em cuja situação o próprio Deus colocou.* [...] Concordando com todos os teólogos, [Santo Afonso] ensina que o bem e o mérito dependem do *sacrifício feito para a Glória de Deus e salvação das almas*, contanto que haja uma boa intenção e estado de graça. [...] Mas, lá [em Goiás] *as fadigas são muito grandes.* Alguns padres queixam-se disso e que perdem a saúde e mais, que não há médicos. Certo; as fadigas são grandes, sei disso pessoalmente. Sei também das queixas. *Esses padres provam que não são aptos para uma vida missionária em Goiás.* [...] Conheço também todos os *que amam essas dificuldades, agradecem e louvam a Deus, sabendo bem a razão.* Do que estou dizendo conclui-se que os superiores não devem mandar para Goiás os que não são capazes de suportar as fadigas da vida missionária de lá, não porém tirar os que os suportam por motivos religiosos, *roubando-lhes as graças.*¹²

¹² COPRESP-A, 5º Volume (1909-1912). **Carta 1168.** Pe. José Wendl ao Pe. João Batista Schmid. Campininhas, 8 de dezembro de 1911, p. 412. *Grifos nossos.*

As palavras do missionário bávaro indicam a estreita relação estabelecida entre o sacrifício e a vocação missionária de trabalhar pela “salvação das almas”. Aqui, portanto, Wendl caracteriza o fundamento primordial da missão: a “salvação das almas”, além da própria “glória de Deus”. Mais que isso, o trabalho de salvação das almas deve ser feito porque aqueles a quem se destina a missão encontram-se nesta situação porque “o próprio Deus colocou”. Isso significa que, na concepção daquele que se julga vocacionado à missão, cujo caminho é o sacrifício, há uma espécie de cosmos no qual estão inseridos os dois lados de uma missão religiosa: de um lado o missionário, que exerce sua vocação de levar a palavra e ensinamentos divinos àqueles que, de outro, (quase que por igual vocação) necessitam de tais trabalhos para o alcance da sua salvação. O missionário e seu sacrifício, desse modo, se tornam *necessários* (no sentido próprio de um *dever*) à história da salvação divina. Àqueles que não são aptos ao sacrifício de renunciar à própria pátria e aos confortos nela existentes, segundo Wendl, deveriam ficar na Europa, onde os sacrifícios são menores.

Esse, por exemplo, é o argumento também do Ir. Miguel Buchner em carta ao Provincial, Pe. Luís Küppers, em 3 de junho de 1900:

Estamos longe da pátria; temos, porém a mesma obrigação, a de santificar-nos e de trabalhar, mediata ou imediatamente, na salvação das almas. Para cumprirmos esse dever não nos faltam meios, pois não são poucos os sofrimentos, as dificuldades, as renúncias e sacrifícios; são mais e maiores do que na Europa.¹³

Na mesma direção argumenta também o Ir. Henrique Kummermeier em carta ao Provincial Anton Schöpf em 28 de fevereiro de 1898: “Consigo, assim mesmo, cumprir minhas obrigações, sentindo satisfação de poder servir à Congregação. Contribuo assim na salvação das almas, santificando-me por oração, trabalho e sofrimento.”¹⁴

Assim, sob a justificativa de se trabalhar pela salvação das “almas abandonadas” no Brasil, padres e irmãos buscavam a santidade pessoal por meio do sacrifício missionário. Este ideal de sacrifício, munido de um fértil imaginário sobre o Brasil, calcado nos heroicos relatos missionários entre os “selvagens” do passado colonial, levava não raramente os redentoristas a insistirem na possibilidade de realização de missão entre os índios brasileiros, muito embora o carisma da Congregação Redentorista proposto por seu fundador, Afonso Maria de Ligório, fosse explicitamente voltado para a missão entre “cristãos abandonados” das periferias ou campo.

Se, por um lado, no início do período moderno diversas ordens religiosas voltaram-se para a conversão dos gentios e pagãos, como o caso dos jesuítas e franciscanos, nos séculos 17 e 18 houve uma maior preocupação na conversão dos próprios cristãos, tidos como “subcristianizados”, não

¹³ COPRESP-A, 2º Volume (1897-1901). **Carta nº. 388.** Ir. Miguel (Felipe) Buchner ao Pe. Luís Küppers. Campininhas, 3 de junho de 1900, p. 359.

¹⁴ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 296.** Ir. Henrique Kummermeier ao Pe. Anton Schöpf. Campininhas, 28 de fevereiro de 1898, p. 169.

mais no sentido trazê-los ao cristianismo em si, mas de adequá-los aos padrões institucionais da Igreja Romana.¹⁵ Nesta última se enquadra a Congregação do Santíssimo Senhor Redentor, cujo carisma voltava-se diretamente para a “recristianização” dos “cristãos abandonados”.

Todavia, as impressionantes narrativas heroizadas de missionários entre os gentios americanos, asiáticos e africanos, trazia consigo uma áurea ao mesmo tempo da aventura e do martírio, o que recorrentemente empolgava os jovens missionários em seus ideais de vocação religiosa e sacrifício. Em carta ao Pe. Schöpf, datada de 27 de junho de 1896, por exemplo, o Ir. Henrique Kummermeier expressa o desejo do bispo Dom Eduardo de que os redentoristas estabelecessem missões entre os índios. O destaque dado pelo religioso, no entanto, está no fato de que “há sempre entre eles a possibilidade do martírio, e eu estou pronto, se Deus o quiser.”¹⁶ Dois anos depois, Pe. Antônio Lisboa Fischhaber escreve também de Goiás ao mesmo Provincial, afirmando que deseja “morrer aqui e mais ainda pelos índios, os quais eu pude ver.”¹⁷

Evidentemente, a ideia do martírio, especialmente entre os índios, é romantizada e idealizada por missionários que têm como modelo a heroicidade hagiográfica de santos canonizados por seus sacrifícios. O confronto com a realidade, porém, nem sempre permite que tais idealizações permaneçam imperecíveis. Assim o foi com diversos missionários, e mesmo com congregações inteiras. Em carta ao Pe. Matias Raus, Superior Geral da congregação, Pe. Gebardo Wiggermann relata, por exemplo, que “O Estado de S. Paulo gostaria de achar missionários [para missão entre os índios]. Os capuchinhos já tentaram e receberam 1:000\$ por mês de auxílio; desistiram depois de os índios terem assassinado e comido um padre moço.”¹⁸

Além do sacrifício entre os índios, outro caso curioso relacionado ao martírio refere-se à trágica morte do redentorista Pe. João Batista Schaumberger, assassinado na Penha (SP), em 1908. Após o chocante acontecimento que em muito abalou os missionários no Brasil, o Superior Provincial bávaro, Pe. José Stummer, temia uma baixa no ânimo dos jovens padres e seminaristas escalados para em breve integrarem a missão brasileira. Todavia, ao contrário do esperado, a notícia do “martírio” de Schaumberger acendeu ainda mais o ânimo dos jovens redentoristas alemães, conforme relata Stummer: “de início receava que os padres e Irmãos destinados para o Brasil ficassem abalados em sua resolução; mas, deu-se o contrário: a infausta notícia aumentou ainda mais o entusiasmo.”¹⁹

¹⁵ A esta diferenciação, a bibliografia católica denomina *missio ad intra* (como a missão entre cristãos) e *mission ad gentes* (atividade missionária entre povos e culturas não cristãos). Sobre essa distinção, ver: Picardal (2012).

¹⁶ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 196.** Ir. Henrique Kummermeier ao Pe. Anton Schöpf. Campininhas, 27 de junho de 1896, p. 449.

¹⁷ COPRESP-A, 2º Volume (1897-1901). **Carta nº. 292.** Pe. Antônio L. Fischhaber ao Pe. Anton Schöpf. Campininhas, 5 de fevereiro de 1898, p. 161.

¹⁸ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 140.** Pe. Gebardo Wiggermann ao Pe. Matias Raus. Aparecida, 10 de novembro de 1895, p. 323.

¹⁹ COPRESP-B, 3º Volume (1906-1921). **Carta nº. 567.** Pe. José Stummer ao Pe. Matias Raus. Gars am Inn, 8 de abril de 1908, p. 83.

Este horizonte de idealizações do sacrifício, seja ele como aspecto de troca, de veneração divina, de purificação/santificação pessoal, martírio ou mesmo como parte da vocação missionária de salvação das almas, portanto, constituiu o fundamento central sob o qual se alicerçou o desejo de padres e irmãos redentoristas de abandonarem sua pátria em direção ao Brasil. Entretanto, muito embora a missão bávaro-brasileira fosse desejada como tal caminho de mortificação pela salvação das almas e santificação pessoal – portanto, já se tendo como expectativas as tribulações e sofrimentos – o fato é que

nossa expectativa do futuro, quer seja portadora de esperança ou de angústia, quer preveja ou planeje, pode refletir-se na consciência. Neste sentido, a expectativa também pode ser objeto de experiência. Mas nem as situações nem os encadeamentos de ações visadas pela expectativa podem também ser desde já objeto da experiência. (KOSELLECK, 2012, p. 312)

Isso significa que, não obstante à realização do desejo de se encontrar no Brasil as provações e sofrimentos que se esperava, a reação pessoal face à realidade encontrada nem sempre correspondeu às expectativas criadas, ora frustrando-se o missionário face ao caminho religiosamente imaginado, ora adaptando-se à realidade local, de modo a criar novas expectativas de transformação do lugar (no espaço e no tempo) encontrados, fundando-se ali uma “nova Tróia”, ou, no caso presente analisado, uma nova Baviera: um Brasil (ou Goiás), portanto, católico, nacional e, em certa medida moderno.

As dificuldades, as privações e as expectativas desencantadas

A idealização da missão e vocação missionária, como discutimos há pouco, produziu nos redentoristas bávaros que desejavam missionar no Brasil um conjunto de expectativas idealizado. Este encantamento – no sentido de ser dotado de um aspecto sobrenatural idealizado – das expectativas sobre o Brasil, pode ser explicado, em boa medida, pelo próprio espaço de experiências de tais missionários, uma vez que, exilados e – por isso – afastados das atividades missionárias por 21 anos, tais religiosos não tiveram na própria Alemanha qualquer experiência prática com as dificuldades e privações a que são submetidas um missionário em atividade,²⁰ sobretudo no que tange os mais jovens, cuja noção de “sofrimento” e “sacrifício” tinha como fundamento, ora leituras místicas e hagiográficas, ora experiências pontuais de conflitos cotidianos

²⁰ Mesmo aqueles que migraram para outras províncias da Congregação durante o *Kulturkampf*, como o caso do Pe. José Wendl na Holanda, dificilmente entraram diretamente no campo de trabalho missionário, seja pelas dificuldades a se enfrentar com a língua (em um ambiente já suprido de missionários locais; portanto diferente do caso brasileiro), seja pelo fato de lá estarem como “convidados” e, por isso, não se integrarem plenamente nas atividades missionárias. Sobre estes casos, ver: **Aqueles que nos precederam**. Manuscrito datilografado. Archiv des Redemptoristenklosters Gars. S/d.

na formação religiosa dos seminários redentoristas. Nesta direção, por exemplo, o então estudante Fr. José Afonso Zartmann, ao agradecer ao Pe. Matias Raus por tê-lo escolhido para a missão no Brasil, afirma estar preparado para os sofrimentos já de antemão esperados na nova pátria a partir das seguintes alegações:

Não estou esperando alegrias no Brasil, ao contrário, muito sofrimento. Mas, R. P. Geral, posso dizer-lhe que o último ano em Mautern foi uma escola de sofrimentos e vejo hoje o quão bom foi o ter sofrido; *caso, pois, sejam grandes os sofrimentos no Brasil, por experiência já sei quão bom é sofrer por Jesus*. É o que *desejo* poder dizer, na hora da minha morte. Mas o motivo principal para eu encarar, pela graça de Deus, com tanta coragem os sofrimentos é a certeza de que o Senhor Deus me ama, pois me tem dado tantas provas, que eu seria cego se não as visse.²¹

As palavras do futuro missionário Pe. Zartmann deixam evidentes tanto a expectativa já esperada (e até mesmo desejada) de sofrimentos no Brasil, como em quê ele sustentava a certeza de ser capaz de suportá-los: por um lado o ideal vocacional (um dever ao qual foi divinamente chamado e supostamente capacitado) e, por outro, as experiências pontuais experimentadas na realidade europeia.

Todavia, como bem destaca Koselleck,

Quem acredita poder deduzir suas expectativas apenas da experiência, está errado. Quando as coisas acontecem diferentemente do que se espera, recebe-se uma lição. Mas quem não baseia suas expectativas na experiência também se equivoca. [...] *Estamos diante de uma aporia que só pode ser resolvida com o passar do tempo*. (KOSELLECK, 2012, p. 312)

Este “passar do tempo”, no caso analisado, revelou ora as frustrações dessas expectativas idealizadas (produzindo, em certa medida, um “desencantamento” do mesmo), ora sua reelaboração. Em ambos os casos, trata-se, antes de tudo, de uma transformação no próprio horizonte de expectativas, ocorrido a partir do contato direto com a realidade brasileira e das dificuldades e sacrifícios reais a que se foi obrigado a submeter-se em nome da missão redentorista no Brasil.

O primeiro desafio enfrentado pelos missionários redentoristas alemães no Brasil, evidentemente, refere-se às dificuldades em adaptarem-se à nova pátria. Embora soubessem previamente da evidente existência de diferenças culturais, geográficas, climáticas, etc., do Brasil em relação à Europa, a experiência com o clima quente e com aspectos culturais dele advindos, por exemplo, não raramente foram motivos para alguns religiosos pedirem o retorno à Alemanha. Especialmente para os padres mais velhos, a adaptação aos costumes de um país estranho pesava

²¹ COPRESP-A, 3º Volume (1902-1904). **Carta nº. 482**. Fr. José Zartmann ao Pe. Matias Raus. Deggendorf, 30 de julho de 1902, p. 56. *Grifo nosso*.

ainda mais. Sobre isso, escreveu o Pe. Lourenço Hubbauer uma carta ao Superior Geral, Pe. Matias Raus, reclamando de seu confrade, o já idoso Pe. Lourenço Gahr:

E, quem envelheceu na Alemanha adquiriu só costumes alemães e não se adapta ao Brasil, perdendo mil vezes a paciência. O pobre diabo, que é intermediário entre o alemão e os brasileiros vê-se entre o martelo e a bigorna, tendo de dizer, às vezes, o que não se quer dizer e vendo-se incompreendido pela idade acostuada aos costumes estrangeiros, quando se quer esclarecer as circunstâncias.²²

O referido Pe. Gahr foi, dentre todos, aquele que mais teve dificuldades de aprender a língua portuguesa. Com 65 anos de idade quando do seu embarque para o Brasil, em 1894, Lourenço Gahr era o mais velho dos missionários da missão bávaro-brasileira. Assim, apesar de se esforçar por longos anos no aprendizado da língua, até sua morte, em 1905, não conseguiu lograr grandes resultados. Em diversas correspondências aos seus superiores na Alemanha, Pe. Gahr descrevia seu desespero e frustração com relação à impossibilidade de trabalhar nas atividades mais básicas de missionário por não dominar a língua do país:

Minha desolação é a dificuldade em aprender a língua. Chego quase a desesperar, mas penso que a Mãe de Deus, que me trouxe para cá, me há de ajudar. Consigo ler, mas quando falam não consigo entender patavina e não consigo também falar, não me ocorre as palavras. Preciso de um intérprete. É minha grande cruz. Rezem por mim.²³

Peça orações aos noviços para aprendermos bem a língua. Eu em particular estou fraquíssimo e não entendo as pessoas. Pe. Wendl é muito zeloso e ativo, ele poderia me ajudar, se falasse mais português nos recreios. Meus pecados são a causa de eu não conseguir progredir mais; quase choro de amargura, não perco tempo, quase não saio do quarto, a semana toda, só vou à igreja e, assim mesmo não consigo. O bom Deus humilha-me muito, mas confio e espero ainda.²⁴

As dificuldades com o novo idioma, entretanto, não afetou somente aos padres mais velhos, como Lourenço Gahr. Padres e Irmãos jovens tiveram também que enfrentar diversos desafios ao longo da aprendizagem da língua. Até dominarem o português, portanto, padres e Irmãos, jovens e idosos, passaram por situações constrangedoras por conta de mal-entendidos com a população local, conforme atesta o cronista dos primeiros anos em Goiás:

Certo dia veio um homem que queria caçar em nosso pasto. O Pe. Späth [63 anos] entendeu que ele queria casar-se. Deu-lhe a entender que deveria confessar-se. A esta resposta o homem obtemperou que iria “imaginar” e foi-se. O Ir. Norberto [37 anos] atendia também ocasionalmente a portaria. Um belo dia trouxe alguém um caixãozinho. Cuidando o irmão Norberto tratar-se de um presente de ovos, tomou-os sem mais, disse obrigado, levando-o à

²² COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 97.** Carta do Pe. Lourenço Hubbauer ao Pe. Matias Raus. Campinas, 6 de fevereiro de 1896, p. 364-365.

²³ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 71.** Carta do Pe. Lourenço Gahr ao Pe. Anton Schöpf. Aparecida, 8 de janeiro de 1895, p. 166.

²⁴ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 86.** Carta do Pe. Lourenço Gahr ao Pe. Anton Schöpf. Aparecida, 1º de março de 1895, p. 204.

cozinha para retirar os ovos. Qual não foi o seu espanto ao dar com o cadáver de um pretinho que o homem tinha trazido para enterrar. (WIGGERMANN; GAHR, 1982, p. 180)

Ainda no que tange as dificuldades de adaptação no Brasil, também o clima foi objeto de frustração que levou alguns religiosos a repensarem seus ideais de vocação missionária. Em carta datada de 15 de agosto de 1901, o Ir. Gebardo Konzet implorava autorização ao Superior Provincial, Pe. Anton Schöpf, para voltar para a Europa, alegando que:

O senhor já sabe que não me dou bem neste clima quente; são grandes a minha intranquilidade, dúvidas, angústias. O clima prejudica-me na alma e no corpo, causando-me dificuldades e tentações. Sinto mais minha doença nervosa. Irritação e nervosismo dificultam a oração, impedem-me o sono, causam tentações contra a castidade maiores que lá fora.²⁵

Além do clima, a falta do conforto a que se era acostumado na Europa causava igualmente descontentamento entre muitos clérigos e Irmãos que intentaram a vida missionária no Brasil, especialmente em Goiás. Já nos primeiros meses de missão, o Visitador Pe. Gebardo Wiggermann escrevia ao Superior Geral, Pe. Matias Raus, sobre as dificuldades experienciadas em Goiás:

Passamos por fome, sede, calor, cansaço e insetos, mas não tivemos tentação por isso. Gostamos de passar pobreza e tribulação por amor de Jesus e das almas. Mas há aqui em Goiás cruces e sofrimentos! No mais, só a falta de tudo o que na Europa se julga absolutamente indispensável! Por exemplo: não há sapatos, porque não há couro, que só se encontra na capital, todo mundo anda descalço ou quando muito com uma espécie de chinelas.²⁶

Nesta mesma direção, Fr. Norberto descrevia a primeira habitação dos missionários em Goiás (que há pouco apresentamos também uma descrição feita pelo cronista da fundação da missão bávaro-brasileira), comparando-a com aquilo com o que se acostumara na Europa. Segundo ele,

Moramos aqui em Campininhas numa casa tão pobre que, na Alemanha, valeria pela cocheira mais pobre. Minha cozinha é um buraco com fogão sem chaminé, espalhando fumaça por todos os lados. É também o meu quarto de dormir. Não tenho colchão, durmo sobre duas tábuas, tendo uns trapos por coberta e a capa-chuva por travesseiro.²⁷

O estado de Goiás contrastava-se em muito aos avanços já notados em outros estados da federação, como São Paulo.²⁸ Para os redentoristas alemães, que, além de virem da Europa, fundaram também uma casa em Aparecida (SP), os sacrifícios e renúncias materiais em Goiás se

²⁵ COPRESP-A, 2º Volume (1897-1901). **Carta nº. 451.** Carta do Ir. Gebardo Konzet ao Pe. Anton Schöpf. Aparecida, 15 de agosto de 1901, p. 506.

²⁶ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 97.** Carta do Pe. Gebardo Wiggermann ao Pe. Matias Raus. Goiás, 24 de abril de 1895, p. 221.

²⁷ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 76.** Carta do Fr. Norberto ao Pe. Anton Schöpf. Campinas, 2 de fevereiro de 1895, p. 180.

²⁸ Sobre as condições materiais de Goiás no início do século 20, ver: Chaul (2002)

tornavam ainda mais acentuados. Assim, se em Aparecida algumas dificuldades decorrentes do desencantamento das expectativas missionárias tornavam árdua a adaptação no Brasil, em Goiás não raramente esta situação se tornava insustentável. Em carta datada de 1896, por exemplo, Ir. Floriano, ao ser noticiado de que voltaria para o convento goiano, expõe estas dificuldades sofridas por aqueles que chegavam em Goiás após a experiência em Aparecida:

Não há comparação possível entre Aparecida e Goiás. Aqui, uma casa em ordem, boa mesa com cerveja ou vinho, pão e carne, todos os dias. Também o peso dos trabalhos dos irmãos não se compara com as fadigas em Goiás. [...] Com grande alegria, saudamos os novos confrades, pois o trabalho era grande, mas infelizmente, já no segundo dia, podia-se ver algo triste nos novos. Começaram as queixas: "tão duro"; "isso eu não imaginava"; "não se tem nada"; "só feijão e arroz"; "nem cama, nem casa pronta", etc. etc. Coitados desses irmãos. Só o Fr. Germano está contente. Por que vieram a Goiás?²⁹

Goiás, portanto, representou no horizonte de expectativa dos redentoristas bávaros, por excelência, o lugar para se por à prova a vocação e idealização do sacrifício missionário. Como ressaltou Pe. Wiggermann ainda em 1895, "Goiás é um duro bocado. [...] Há mil dificuldades, das quais a Europa não faz ideia."³⁰ A começar pela viagem de Aparecida à Campinas: o trajeto durava, pelo menos, 40 dias, viajando de Aparecida à Uberaba de trem e, de lá, à cavalo ou em lombo de burros e mulas para Campinas, numa epopeia que não durava menos de 25 dias, dormindo-se, muitas vezes, em pousos arranjados na mata, ou em miseráveis casas de habitantes da região.³¹ Em carta datada de 19 de dezembro de 1894, pouco depois da sua chegada em Goiás, Pe. Gebardo Wiggermann descreve ao Superior Provincial, Pe. Anton Schöpf, alguns trechos da viagem:

Sempre houve estrada; até Morrinhos seguimos a estrada oficial para Goiás [antiga capital do Estado]. Mas as estradas são como as dos campos ou das florestas da Alemanha. São muitos os riachos nos fundos dos vales e não há pontes. De três em três horas encontra-se uma fazenda, onde se pode pernoitar. Geralmente um rancho sem paredes, onde se pode abrigar da chuva. Dormimos em redes ou no chão sobre os baxeiros das montarias, ou sobre mesas e bancos e às vezes num girau. O perigo de serpentes ou feras não é como imaginávamos. Somente algumas vezes vimos cobras e o nosso guia viu uma vez uma onça. Mas os insetos: pulgas, mosquitos, moscas e vespas são um tormento que amarguram a vida, principalmente à noite. Numa noite foram tantos estes insetos que dobramos as cobertas e ficamos acordados a noite inteira. Os carrapatos agarram de tal modo na pele que é precisa arrancá-los. Toda a noite tínhamos que fazer essa operação: arrancar os carrapatos. Há também uma espécie de pulga (o bicho de pé) que entra na pele e desenvolve seus ovos, sem que a gente note. É perigoso se não extrair em tempo. Durante a viagem não o percebemos, mas no fim todos tivemos que nos submeter à esta pequena operação. É um milagre não nos ter acontecido nenhum acidente durante a viagem. Quase nenhum de nós sabia montar e tratava-se de coisa séria, pois tínhamos que subir e descer morros, andar

²⁹ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 179.** Carta do Ir. Floriano ao Pe. Anton Schöpf. Aparecida, 23 de abril de 1896, p. 403.

³⁰ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 72.** Carta do Pe. Gebardo Wiggermann ao Pe. Anton Schöpf. Goiás, 9 de janeiro de 1895, p. 169.

³¹ A viagem de Aparecida para Goiás, curiosamente, demorava mais do que da Europa para São Paulo. Em carta de 12 de abril de 1899, Pe. Gebardo Wiggermann chegou a afirmar: "Preciso viajar novamente a Goiás; viagem mais difícil do que para Europa." (COPRESP-A, 2º Volume – 1897-1901. **Carta nº. 342.** Carta do Pe. Gebardo Wiggermann ao Pe. Baumgartner. Aparecida, 12 de abril de 1899, p. 260).

sobre paus e pedra até o rio e atravessá-lo com empecilho de árvores e ramos. [...] No estado de Minas Gerais havia sempre um gole de vinho adulterado, em Goiás nada mais a não ser água e pinga. O calor é sufocante. A sede é muito pior. Sofremos muito aqui no Brasil com a sede por falta de água potável. Viajamos horas à fio com a boca seca de sede. Bebíamos somente quando atravessávamos um rio. A gente fica com os lábios inchados pela sede e calor, aos poucos, porém, nos aclimatamos e tudo isto passa.³²

No que tange a acomodação, além do detalhado relato das crônicas que citamos anteriormente, as palavras do Pe. João da Mata Späth sobre o primeiro convento redentorista de Campinas dá cores ao tipo de provações pelas quais os ideais missionários outrora descritos deveriam passar: “Vivemos aqui num palácio que se assemelha ao de Santo Afonso em Scala, diz o Pe. Wiggermann, e até o supera por sua miserabilidade. Grande parte desta carta, na falta de mesa e cadeira, eu a escrevi no chão ajoelhado, com o papel colocado sobre as tábuas da cama.”³³

No que tange a alimentação, as descrições apontam igual precariedade, contrastando-se ora com a fartura da mesa em Aparecida, ora com a própria experiência na Alemanha. Nos primeiros relatos oficiais da comunidade de Campinas (GO), o cronista ressaltou em detalhes as dificuldades alimentares dos redentoristas bávaros em Goiás:

O desjejum consistia numa xícara de café preto, sem nenhum acréscimo, desjejum que era, na verdade, mais de feição a aumentar a fome do que a mitigá-la. Por vezes, mas não com frequência, a família Rocha valia agenciar-nos um pouco de leite. Mais tarde, por pão passamos a receber um pedacinho de queijo. Sempre o mesmo era o almoço: sopa de farinha de milho seguida de feijão e arroz. As sobras do almoço ficavam para o jantar. Carne, só de milagre. Comprávamos às vezes uma boa posta de carne de vaca ou de porco. Acontecia, porém, que já no segundo dia pululava de vermes o que não era comido primeiro, tornando-se imprestável. A espaços saía o bom Pe. Spaeth com a espingarda às costas a ver se abatia alguma ave ou outro animal para o nosso repasto. O mais das vezes voltava de mãos abanando. Já ao entrar na casa podíamos apanhar de seu semblante sombrio o malogro da tentativa. De bebida tínhamos sempre a mesma, a saber, água do córrego, que deslizava ao lado da casa. Se acontecia chover, tornava-se ela turva e suja, como a dos poços. Para se ter água potável, era preciso buscá-la bem cedo, antes de o sol levantar-se e de as mulheres começarem a lavar a roupa no córrego.³⁴

Tamanha disparidade entre o que se idealizava e a realidade encontrada resultou em um imenso volume de cartas enviadas à Europa contendo lamúrias, lamentações e desabafos. Tais cartas são ainda hoje as testemunhas de conflitos de toda ordem, envolvendo desde insubordinações e contendas pessoais, à desencantos com a vocação missionária, arrependimentos e, em muitos casos, desespero, como foi o caso do Ir. Teodoro que, ao ser transferido para Goiás em 1910, atormentou-se a tal ponto de ameaçar abandonar a congregação:

³² COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 67.** Carta do Pe. Gebardo Wiggermann ao Pe. Anton Schöpf. Campininhas de Goiás, 19 de dezembro de 1894, p. 134-135.

³³ COPRESP-B, 1º Volume (1874-1897). **Carta nº. 119.** Carta do Pe. João da Mata Späth ao Pe. Antônio Schöpf. Campininhas, 21 de dezembro de 1894, p. 228.

³⁴ COPRESP-B, 1º Volume (1874-1897). **Carta nº. 119.** Carta do Pe. João da Mata Späth ao Pe. Antônio Schöpf. Campininhas, 21 de dezembro de 1894, p. 122.

Quanta coisa tem-se de suportar, quando não se sabe a língua, que não posso aprender, porque não escuto e não retenho nada. [...] Um padre me disse que eu estava no caminho certo da loucura, porém o que posso fazer, neste estado não chego a um raciocínio. [...] O senhor não imagina o quanto sofro e choro. Fico todo perturbado na meditação e na comunhão; deixei esta até que o superior me dissesse que voltasse a comungar. Causa-me dor fazer o superior desagradar-se tanto. Eu já teria deixado a congregação, mas aqui no Brasil nem conseguiria mendigar, porque não sei a língua. Peço-lhe, se não houver outro jeito, arranje-me um lugar, onde eu possa merecer o meu pão até tomar um navio que me leve de volta à Alemanha. Tenha piedade de mim, para eu não me desesperar.³⁵

Dessa forma, aqueles que, ao contrário, conseguiam se adaptar e se realizar na missão no Brasil, queixavam-se daqueles que, por outro lado, não conseguiam mais ver nos sacrifícios cotidianos o motivo da alegria que outrora na Europa expressavam como ideal. Assim observou o Pe. Lourenço Hubbauer, em cartas ao Superior Geral, Pe. Matias Raus:

Entretanto os chegados ultimamente não se adaptam bem, ouvindo-se às vezes, coisa desagradável como: "isso eu não pensava". A um desagrada a alimentação, a outro a casa, etc. Acho bom dizer tudo para que não venha mais para cá a classe de chorões do "isto eu não pensava". Há sofrimentos, mas a gente, compreendendo o sofrimento, sente alegria.³⁶ Nosso pão aqui, seco e duro é andar a cavalo horas e dias, sem colher frutos, a não ser de vez em quando; não admira se, às vezes, um apóstolo, crescido na Europa, perde as estribeiras, passa os limites da paciência, prorrompendo em palavras como estas: "brasileirismo, horrível selvageria, estupidez", etc. Que fazemos nós então aqui?³⁷

As lamúrias e descontentamentos eram tantos que o próprio bispo de Goiás, Dom Eduardo Silva, chegou a tentar, em carta, lembrar aos religiosos alemães dos sacrifícios, sofrimentos e privações como motivos centrais do entusiasmo da aceitação e escolha deles pela missão no Brasil:

Sofrei até a morte se for preciso e assim vós vos salvarei e salvareis os outros. Ao convidar-vos para a minha diocese eu não vos oculte nada do que tendes visto e foram justamente as dificuldades, as privações, os sofrimentos as fadigas, o calor, a sede, a fome e as perseguições, que deviam fazer arrefecer o vosso ardor, que mais vos entusiasmarão e o vos seduziram. Avante, pois, queridos companheiros e cirineus deste pobre bispo.³⁸

Os ideais de sacrifício, martírio e missão que outrora compunham as expectativas de muitos redentoristas bávaros, portanto, contrastava-se agora com a dura realidade do campo missionário num sertão afastado da Europa no tempo e no espaço. Foi em face deste desencanto que admitiu o Pe. Valentin von Riedl que “a vida missionária não é brincadeira; quando se está nela, cessa o romantismo, restando só a realidade nua e crua de cruzes e renúncias.”³⁹ Na mesma direção, admitia

³⁵ COPRESP-A, 5º Volume (1909-1912). **Carta nº. 1076.** Irmão Teodoro ao Pe. João Batista Schmid. setembro de 1910, p.224.

³⁶ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 176.** Carta do Pe. Lourenço Hubbauer ao Pe. Matias Raus. Campinas, 8 de abril de 1896, p. 397-398.

³⁷ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 187.** Carta do Pe. Lourenço Hubbauer ao Pe. Matias Raus. Goiás, 28 de maio de 1896, p. 429.

³⁸ COPRESP-A, 2º Volume (1897-1901). **Carta nº. 249.** Carta do bispo de Goiás Dom Eduardo Duarte Silva ao Pe. Lourenço Gahr. Uberaba, 30 de maio de 1897, p. 64.

³⁹ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 145.** Pe. Valentin von Riedl ao Pe. Anton Schöpf. Aparecida, 18 de

também o Pe. Miguel Siebler, em fevereiro de 1895: “Aos poucos estou compreendendo o que significa estar em missão em terra estranha. Na Europa eu não fazia a mínima ideia das coisas daqui, ou me enganava.”⁴⁰ O heroísmo sacrificial que a muitos na Europa encantava, portanto, afirma também o Pe. Lourenço Hubbauer, deveria ser relativizado, pois “Ninguém nos tome, na Europa, por heróis, quando escrevemos sobre renúncias, dificuldades, etc., nem por religiosos abnegados, pois nos esquecemos de contar a cara que fazemos, os gemidos e queixas, quando passamos dificuldades.”⁴¹

O resultado desse desencanto de muitos confrades foi de que, dentre os 72 redentoristas enviados da Alemanha para o Brasil entre 1894 e 1920, 13 desistiram, sendo que, destes, 9 voltaram para a Baviera, dos quais 4 abandonaram a congregação. (PAIVA, 2007, p. 196) Para os superiores da missão no Brasil, restavam as dificuldades de lidar com os muitos conflitos gerados por estes tantos desencantos, como relata o então Vice-Provincial Pe. Roberto Hansmair, em outubro de 1907:

A Gars não posso comunicar isso a fim de evitar mal maior. Lá se diz que no Brasil deve haver muita gente, pois muitos voltam. Mas, quem foi mandado de volta? Um Corbiniano Kirmaier, que causava escândalo; um Siebler, que deixou a Congregação, um Hahn, que no seu desassossego perturbava a todos, dois padres agonizantes Angerer e Kammerer, dois Irmãos que enlouqueceram e que foi na companhia do útil Padre Meyer. Deveriam esses ficar aqui? Não era obrigação do superior da missão cortar o mal pela raiz? Na Baviera não imaginam em que situação terrível essa gente coloca uma pessoa. Que devia eu fazer com o noviço Antônio? Não obedecia, não rezava, era guloso, bebia vinho na adega, não cumpria as penitências, etc., escandalizando a todos, especialmente os clérigos noviços. Padres conselheiros deram o conselho de o despedir. V. Revma. reconhece todas as dificuldades e aprovará por isso todos os meus passos.⁴²

Mas nem todos, é importante ressaltar, se desencantaram ou se frustraram com a realidade encontrada no Brasil. Muitos dos redentoristas enviados da Alemanha expressam em suas cartas à pátria-mãe um contentamento e satisfação notórios pelos sacrifícios encontrados na nova pátria; especialmente, em Goiás. Na mesma crônica de fundação da missão no sertão goiano, o cronista que outrora relatava tantas privações, dificuldades e lamentos, ao final afirma, como já mencionamos, que

Enganar-se-ia, contudo, quem nos julgasse tristes por vida tão pobre e afadigosa. Nada disso, o que nos faltava em consolações terrestres, era reposto pela graça de Deus, por tal forma que nunca estivemos tão alegres como naqueles tempos em que chegávamos a tirar da mesma miséria motivos de alegria. (WIGGERMANN; GAHR, 1982, p. 122)

novembro de 1895, p. 328.

⁴⁰ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 79.** Pe. Miguel Siebler ao Pe. Anton Schöpf. Campinas, 2 de fevereiro de 1895, p. 185.

⁴¹ COPRESP-A, 2º Volume (1897-1901). **Carta nº. 261.** Carta do Pe. Lourenço Hubbauer ao Pe. Reitor Baumgartner. Campinas, 4 de agosto de 1897, p. 100.

⁴² COPRESP-A, 3º Volume (1905-1908). **Carta nº. 868.** Carta do Pe. Roberto Hansmair ao Pe. Matias Raus. Aparecida, 8 de outubro de 1907, p. 356.

Em diversas outras correspondências ainda é possível notar também este referido gozo nos sacrifícios da vida missionária, confirmando-se, nestes casos, os ideais esperados de se encontrar no Brasil alegria nas dificuldades impostas pela (re)fundação na nova pátria:

Estou bem, muito feliz e nada arrependido de ter vindo para cá, embora ande sempre adoentado.⁴³

Estou feliz aqui e com mais saúde que na Baviera. O clima quente me faz bem. Minha companheira, a "constipação" quase se esqueceu de mim.⁴⁴

Em Campinas, estamos todos bem, eu em particular me sinto bem e feliz; não me arrependi em nenhum instante de ter vindo para o Brasil e para Goiás.⁴⁵

Gosto do Brasil e não desejo de jeito nenhum voltar para a Europa. Já me acostumei ao clima. É verdade, a gente tem de se acostumar ao clima, pois aqui, propriamente falando, não há inverno, mas sempre verão.⁴⁶

Como V. Revma. sabe, quero dizer-lhe assim mesmo que este é o terceiro ano de minha estadia no Brasil; graças a Deus, ninguém é tão feliz quanto eu. Posso asseverar-lhe que muito pesar me causaria, caso viesse uma notícia de eu ter de voltar para a Europa. Espero que isso nunca aconteça. A Deus minha gratidão.⁴⁷

Em algumas correspondências ainda é possível notar até mesmo casos de arrependimento pelas lamúrias iniciais, uma vez que, agora, depois de convertidas as expectativas em novas experiências, as dificuldades pareciam ser mais suportáveis, como o caso do Ir. Henrique, que, embora inicialmente tivesse insistido em voltar para a Europa por não se adaptar ao Brasil, mostrava-se arrependido, já em 1896, das lamúrias, escrevendo ao Superior Provincial, Pe. Anton Schöpf, em 13 de outubro:

Não compreendo como tenha sido eu o escolhido por primeiro entre os irmãos, melhores do que eu para trabalhar diretamente na salvação das almas. Estou lhe falando com sinceridade ao dizer-lhe que choro, pensando na minha ingratidão com Deus e nos meus pecados ao estar neste trabalho. Há muito a sofrer, mas o pensamento no céu e nas almas adoçam o trabalho e as penas. Em alguns dias a caminhada era de 8 a 10 léguas, debaixo de sol ardente; o meu cansaço era tanto que quase não conseguia manter-me em pé. Graças a Deus suportei tudo, aprendi por experiência que Deus ajuda a quem obedece. Sinto-me melhor agora, com mais saúde e acostumado ao clima. Já me envergonhei muitas vezes do que lhe escrevi antes, da minha pusilanimidade. É de joelhos que peço-lhe perdão.⁴⁸

Conclusões

⁴³ COPRESP-A, 2º Volume (1897-1901). **Carta nº. 252.** Carta do Ir. Carlos ao Ir. José. Aparecida, 25 de junho de 1897, p. 67.

⁴⁴ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 201.** Carta do Pe. Jospe Wendl ao Pe. Anton Schöpf. Morrinhos, 11 de setembro de 1896, p. 469.

⁴⁵ COPRESP-A, 2º Volume (1897-1901). **Carta nº. 401.** Carta do Pe. João Batista Kiermeier ao Pe. Matias Raus. Bela Vista, 12 de setembro de 1900, p. 390.

⁴⁶ COPRESP-B, 2º Volume (1898-1905). **Carta nº. 396.** Carta Ir. Norberto ao Pe. Anton Schöpf. Aparecida, 29 de janeiro de 1903, p. 341.

⁴⁷ COPRESP-A, 4º Volume (1905-1908). **Carta nº. 778.** Carta do Ir. Plácido ao Pe. Anton Schöpf. Aparecida, janeiro de 1906, p. 177.

⁴⁸ COPRESP-A, 1º Volume (1817-1896). **Carta nº. 205.** Carta do Ir. Henrique ao Pe. Anton Schöpf. Caldas Novas, 13 de outubro de 1896, p. 482.

Em resumo, portanto, é possível percebermos, por meio das fontes apresentadas, o modo como o horizonte de expectativas sobre o Brasil foi construído pelos redentoristas bávaros, com base tanto em um conjunto de ideais religiosos de sofrimento e sacrifícios em prol da salvação de si e das almas (como forma de realização plena da vocação pessoal), quanto (e não menos importante) em um campo de experiências construído no exílio e, por isso, pouco experimentado nas atividades missionárias e muito menos na realidade de um lugar tão distante (no espaço e no tempo) da pátria natal.

O resultado desse choque entre o futuro-presente (como expectativas) e a realidade que, de fato, se tornara experiência, gerou, por um lado, desencantamentos com relação aos referidos ideais, mas, por outro, a adaptação e autorrealização daquilo que se cria como chamado divino para os ideais missionários. O resultado desta dinâmica temporal e experiencial foi a (re)elaboração de novas expectativas, ainda evidentemente pautadas em ideais religiosos, mas agora (de)limitadas e transformadas por um conjunto de experiências acrescido da realidade brasileira e goiana e a ela adaptadas.

Referências

Fontes

Correspondência da Província Redentoristas de São Paulo (COPRESP-A), 1º Volume (1817-1896). Aparecida (SP), 1983.

Correspondência da Província Redentoristas de São Paulo (COPRESP-A), 2º Volume (1897-1901). Aparecida (SP), 1983.

Correspondência da Província Redentoristas de São Paulo (COPRESP-A), 3º Volume (1902-1904). Aparecida (SP), 1983.

Correspondência da Província Redentoristas de São Paulo (COPRESP-A), 4º Volume (1905-1908). Aparecida (SP), 1984.

Correspondência da Província Redentoristas de São Paulo (COPRESP-A), 5º Volume (1909-1912). Aparecida (SP), 1985.

Correspondência da Província Redentoristas de São Paulo (COPRESP-A), 6º Volume (1913-1920). Aparecida (SP), 1985.

Correspondência da Província Redentoristas de São Paulo (COPRESP-A), 7º Volume (1921-1922). Aparecida (SP), 1985.

Correspondência da Província Redentoristas de São Paulo (COPRESP-A), 8º Volume (1923-1924). Aparecida (SP), 1986.

Correspondência da Província Redentoristas de São Paulo (COPRESP-A), 9º Volume (1925-1927). Aparecida (SP), 1986.

Correspondência da Província Redentoristas de São Paulo (COPRESP-A), 10º Volume (1928-1930). Aparecida (SP), 1987.

Correspondência da Província Redentoristas de São Paulo (COPRESP-B), Suplemento 1º Volume (1874-1897). Aparecida (SP), 1988.

Correspondência da Província Redentoristas de São Paulo (COPRESP-B), Suplemento 2º Volume (1898-1905). Aparecida (SP), 1992.

Correspondência da Província Redentoristas de São Paulo (COPRESP-B), Suplemento 3º Volume (1906-1921). Aparecida (SP), 1992.

Correspondência da Província Redentoristas de São Paulo (COPRESP-B), Suplemento 4º Volume (1922-1950). Aparecida (SP), 1995.

AQUELES QUE NOS PRECEDERAM. Manuscrito datilografado. Archiv des Redemptoristenklosters Gars. S/d.

Bibliografia

CHAUL, Nars Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: Editora da UFG, 2002

Crônicas das missões de Goiás (1898-1909/1910-1934). 1º Volume. Datilografado. Aparecida, 1982.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003
KÖRNER, Hans-Michael. *Kulturkampf im Königreich Bayern. Staat und Kirche in der Regierungszeit König Ludwigs II. Zur Debatte: Themen der Katholischen Akademie in Bayern*. München, Vol.1, 2012.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012

LIGÓRIO, Afonso Maria de. *A prática do amor a Jesus Cristo*. 7ª Edição. Aparecida, SP: Editora Santuário, 1996

MAUS, Marcel; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. São Paulo, Cosac Naify, 2005

PAIVA, Gilberto. *A província redentorista de São Paulo 1894-1955*. São Paulo: Editora Santuário, 2007

PICARDAL, Amado. Missões paroquiais. In: WALES, Sean C.Ss.R.; BILLY, Dennis C.Ss.R. *Dicionário de espiritualidade redentorista*. Goiânia: Scala, 2012

SANTOS, Maria de Lourdes dos. As múltiplas faces de uma santidade: reflexões sobre a trajetória do conceito de “ser santo”. *Estudos Históricos*. Franca, vol. 7, n. 1, p. 27-39, 2000

VAUCHEZ, André. “Santidade”. In: *Enciclopedia Einaudi*. Lisboa: Casa da Moeda/Imprensa Nacional, v.12: Mythos/Logos, 1987

WEBER, Max. *Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. 4ª ed. Brasília: ed. Da UnB. 2009. V. I.

WIGGERMANN, P. Gebardo C.SS.R; GAHR, P. Lourenço C.SS.R. *Crônica da fundação da missão redentorista em S. Paulo e Goiás (1894-1898)*. Aparecida (SP): Editora Santuário, 1982.